

Macau:

Contos e lendas de Alice Vieira

澳门: 爱丽丝·维埃拉笔下的故事与传说

Lola Xavier
Instituto Politécnico de Macau
Instituto Politécnico de Coimbra

Chegou há dias a nau de Macau que se esperava, tendo partido daqui há vinte meses, onde isso vai, ainda Sete-Sóis andava na guerra, e fez feliz jornada apesar de ser larga a viagem, que fica Macau muito para lá de Goa, terra de tantas bem-aventuranças, a China, que excede a todas as outras nos regalos e riqueza [...].

José Saramago, *Memorial do Convento*.

Aprenda uma coisa [...]: na cultura chinesa tudo tem um sentido especial.

C. Veiga de Oliveira & A. Cristina Alves, *As oito cartas de Macau*.

Macau, com a sua história secular de relações entre o Oriente e o Ocidente, tem sido, também, lugar de fascínio para inspiração de narrativas para a infância e a juventude. Veja-se o mais recente exemplo do livro de Banda Desenhada inspirado no Grande Prémio de Macau, *Michel Vaillant 7 – Macau* (2018).

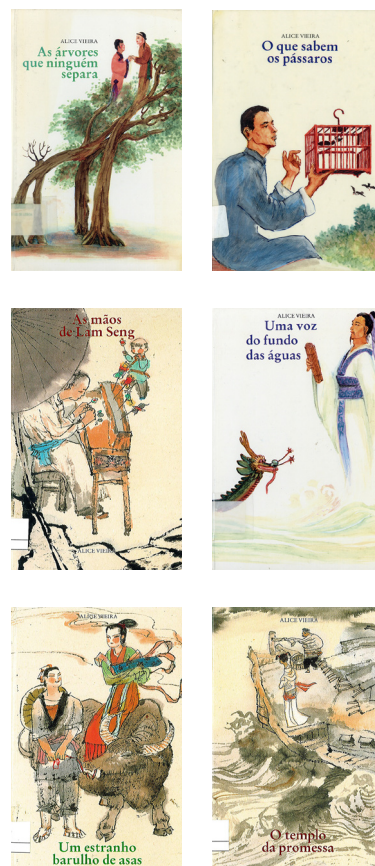
A cultura tradicional de Macau e da China tem inspirado vários autores. Refira-se, logo na década de 50, Luís Gonzaga Gomes (1907-1976). Vários são os seus textos em que, através de um estilo opinativo e subjetivo, recorrendo frequentemente a adjetivos, transmite hábitos, costumes e lendas de Macau e dos chineses. A dedicação deste autor como divulgador sino-lusófono está bem patente nas suas obras. Destaque-se, aqui, nas primeiras edições, *Contos chineses* (1950), *Lendas chinesas* (1951), *Curiosidades de Macau antiga* (1952), *Festividades chinesas* (1953), *Macau: factos e lendas* (1979). A partir do final da década de 1990, Leonel Barros publica também vários livros sobre aspetos da cultura de Macau, destacando-se, *Macau, coisas da terra e do céu* (1999).

No que diz respeito a narrativas para a infância e juventude associadas a Macau, é na década de 1990 que mais

evidências temos. Alice Vieira (1943 -) publicou contos e lendas de Macau entre 1988 e 1990. Data também de 1990, o livro da mesma autora, *Macau: da lenda à história*. Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada publicaram, em 1995, *Uma aventura em Macau* e, dois anos mais tarde, na coleção “Viagens no tempo”, o livro *Tufão nos mares da China*. Ainda em 1995, Beatriz Basto da Silva é a autora de *A minha primeira história de Macau*. Nessa década, em 1998, Ana Cristina Alves e Celina Veiga de Oliveira lançam *As oito cartas de Macau*.

Nota-se, pois, um certo investimento em publicações direcionadas à infância e juventude sobre a história de Macau, na década de 1990, numa perspetiva da transmissão e reserva da *memória*, no período que antecede a transferência de administração de Macau para a China.

Os livros de Luís Gonzaga Gomes, Leonel Barros, Alice Vieira ou António Torrado permitiram a divulgação e preservação de uma cultura sobre Macau em língua portuguesa que tem, por exemplo, possibilitado a continuação da escrita e interpretação de lendas e contos chineses. Veja-se o caso de *Sob o véu do Tempo: contos e lendas da China antiga e de Macau* (2010), resultante de um projeto pedagógico coordenado na Escola Portuguesa de Macau por Marinela



Ferreira e Zélia Baptista Micero. Trata-se de um livro que amplia o leque de histórias apresentadas por Alice Vieira, contendo a adaptação e ilustração de 20 narrativas chinesas por alunos dos 6.º e 7.º anos, com resumos em inglês e mandarim.

Centremo-nos, porém, em *Contos e lendas de Macau* (2002), de Alice Vieira. Este é um livro premiado, primeiro em Portugal, pela ilustração, da autoria de Alain Corbel, que recebeu, em 2002, o Prémio Nacional de Ilustração. Em 2007, a edição brasileira foi considerada a melhor obra de literatura infantojuvenil em língua portuguesa, tendo recebido o Prémio Henriqueta Lisboa, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ – Brasil).

Esta coletânea contém seis contos/lendas e é o resultado de vários livrinhos de uma coleção publicada pelo Instituto Cultural de Macau/Editorial Publica entre 1988 e 1990, em Macau. Para além de “As árvores que ninguém separa”, “Uma voz do fundo das águas”, “As mãos de Lam Seng”, “O que sabem os pássaros”, “Um estranho barulho de asas” e “O templo da promessa”, compilados em *Contos e lendas de Macau*, a coleção inicial, incluía ainda narrativas de António Torrado, como “A noite luminosa”, “O coelho de Jade” e “A cerejeira da Lua”.

O amor, a magia, o maravilhoso, as crenças, o trágico, o heroísmo, a transmissão de valores são eixos marcantes nos contos e lendas da China, que permitem, inclusive, encontrar pontos de contacto com as lendas e tradições ocidentais. Alice Vieira apresenta-nos esses contos e lendas de modo poético. A escritora, qual contadora de histórias, conseguiu com mestria criar um estilo vívido, poético e metafórico, em que sobressai o *suspense* e o ritmo conseguido pelas frases curtas, repetições, anáforas, enumerações e pelo paralelismo. As descrições, os diálogos e os solilóquios, a interpelação ao leitor, a intertextualidade através de paráfrases, a criação de narradores, eles próprios contadores de histórias, contribuem para a criação de uma atmosfera que envolve o leitor de todas as idades.

A lenda “As árvores que ninguém separa” remete-nos para uma árvore que “é formada por dois troncos principais, cada um deles com as suas raízes próprias, mas os seus ramos e a folhagem são comuns porque, com o andar dos tempos, os dois troncos foram-se desenvolvendo esguios e estreitamente enlaçados um no outro” (Gomes, 1996, p. 43). Estas árvores seriam testemunho de um amor trágico

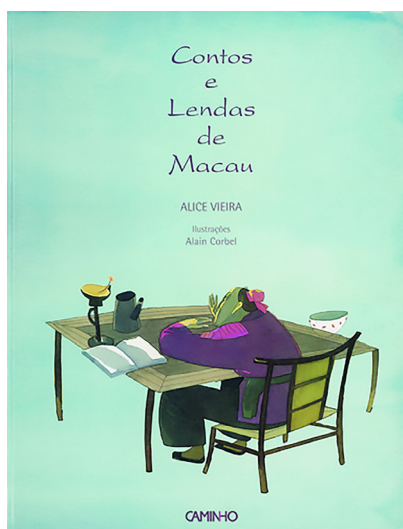
e podem ser vistas no jardim do templo da deusa Kun Iam, um dos maiores e mais frequentados de Macau, na Avenida Coronel Mesquita. Trata-se da lenda de um casal de apaixonados de posição social diferente que, devido à oposição do relacionamento pelo pai da jovem, acabam por enforcar-se nessas árvores. Num estilo dramático-poético e metafórico, a narrativa de Alice Vieira fala dos amores de A-Kâm, a bela filha de um sábio e respeitado agricultor, Lou Uóng, por A-Hêng, empregado do pai. Um amor que será contrariado e terá, pois, um desfecho ominoso.

O conto “O que sabem os pássaros” conta-nos a história de dois irmãos. Wan Liang é forte e inteligente, torna-se escriba. Por sua vez, Lao Ta tem dificuldades motoras e cognitivas e ganha a vida como adivinho, que fala com os pássaros (cucos). Apesar de optarem por caminhos diferentes, chegam à conclusão de que a “união faz a força” e de que juntos conseguem a complementaridade.

O conto “As mãos de Lam Seng” remete-nos às origens dos “bonecos de farinha” em Macau. Acompanham-se as gerações dos artífices que criavam pequenas esculturas a partir de massa de farinha ou de arroz glutinoso, a que se aplicava uma “tinta” para preservar o boneco. Esta arte terá deixado de ser executada em Macau na década de 1980. A história conduz-nos de Liu Shih a Lam Seng, que, “há mais de vinte anos, assentou a sua banca naquela esquina da cidade de Macau, ali no largo do Senado” (Vieira, 2002, p. 61). Os deícticos usados pelo narrador remetem-nos para a relação

entre a ficção e o espaço real, criando verosimilhança. Este conto, tenta, assim, apresentar as origens de estatuetas de massa já desaparecidas, contribuindo para a preservação da memória de costumes antigos de Macau.

A lenda “A voz do fundo das águas” baseou-se na morte do poeta Ch'u Yuan, também conhecido por Wat Yun, que inspirou uma das festividades do calendário lunar chinês, assinalada em Macau no quinto dia do quinto mês lunar: o festival do “barco-dragão”. Conta a lenda que Ch'u Yuan sofreu da conspiração daqueles que não apreciavam assistir à influência que ele teria como conselheiro do rei Huai. Deportado, recebe a notícia de que o reino, sob a influência de conselheiros incompetentes, fora vencido pelos inimigos. Não aguentando a tristeza, lança-se ao lago, perto de onde vivia. Sem o conseguirem salvar, os pescadores passaram a





Templo de Kun Iam



Templo de A Ma

lançar bolos de arroz à água, para alimentar o espírito de Ch'u Yuan, e a fazer barulho na água com os remos, para afastar os peixes bem como os espíritos malignos do seu corpo. Esta lenda está associada a alguns rituais das corridas de barco-dragão¹. Ainda hoje, se comem os bolos tchong ou catupá, de arroz glutinoso enrolados em folhas de lótus, de bananeira ou de bambu: “hoje em dia, o que mais se come, durante as festividades, são os “tchong”, bolinhos de arroz fumegantes e embrulhados nas próprias folhas de bambu em que foram cozidos” (Vieira, 2002, p. 79). Esta tradição de enrolar o arroz em folhas dever-se-á à crença de que Ch'u Yuan terá aparecido aos pescadores a pedir que assim fizessem, para que os espíritos maléficos não mais lhe interceptassem a comida.

“Um estranho barulho de asas” é considerada uma das

lendas mais românticas que nos remete para a mitologia chinesa. Retrata a história dos amores proibidos de Tchêk Noi, uma das sete filhas do imperador de Jade, senhor soberano dos Céus, pelo vaqueiro Ngau Ióng. Tchêk Noi era exímia nas suas habilidades de tecedeira. Numa viagem à Terra, ela consegue reencontrar o amado que fora para lá deportado pela Deusa-Mãe. A felicidade, porém, dura poucos anos e ela tem de regressar ao reino dos Céus. Serão as irmãs que ajudarão os amados e encontrar-se uma vez por ano, metamorfoseando-se em milhões de pegas e criando uma ponte sobre as águas do rio que os separam. Mas o encontro no sétimo dia da sétima lua só pode acontecer se o céu estiver limpo. Nesta narrativa recria-se a atmosfera do maravilhoso na tradição oral. O narrador é um contador de estórias, que, interpelado pelas crianças, lhes narra a lenda. As perguntas dos seus ouvintes, que interrompem a narração linear da estória, permitem-lhe resumi-la e contribuem para a vivacidade do texto.

“O templo da promessa” encerra este livro de contos e lendas. Inspira-se na lenda da construção do templo da deusa A-Má, protetora dos pescadores, que terá antecedido a fundação da cidade de Macau. Se se comparar este texto com “A lenda do templo da Barra” de Luís Gonzaga Gomes (1996, pp. 25-28), escrito em 1942, constata-se que Alice Vieira cria um texto com ritmo e poeticidade, focando o seu olhar na personagem secundária do texto de Luís Gonzaga Gomes, Sâm Mân, o vendedor de chá que será o primeiro a mandar erigir um templo em nome da Soberana

“Estas narrativas de Alice Vieira evocam a literatura tradicional chinesa de transmissão oral e [...] permitem a compreensão de uma sociedade e da forma como essa sociedade se organiza, em torno da mitologia chinesa, do maravilhoso e da natureza.”

¹ Para saber mais: <http://www.revistamacau.com/2018/06/11/festival-do-barco-dragao/>

do Céu, “Néung-Má”, ou simplesmente o templo de A-Má.

Estas narrativas de Alice Vieira evocam a literatura tradicional chinesa de transmissão oral e contribuem para o conhecimento de uma sociedade nas suas crenças, a forma de explicação de fenómenos naturais e de medos. Permitem, igualmente, a compreensão de uma sociedade e da forma como essa sociedade se organiza, em torno da mitologia chinesa, do maravilhoso e da natureza. Concorrem para a preservação e divulgação de uma memória antiga e apresentam um valor pedagógico de transmissão de valores.

O maravilhoso está presente nas lendas “As árvores que ninguém separa”, “Um estranho barulho de asas”, “Uma voz do fundo das águas” e “O templo da promessa”. Trata-se de situações reais (a existência de um templo e a devoção a uma deusa, de árvores *sui generis*, de festivais e comida

“Contos e lendas de Macau [...] é uma obra indicada para quem pretenda compreender um pouco mais da cultura de Macau (e chinesa).”

típica, por exemplo) que são explicadas através de narrativas transfiguradas, de forma inconsciente, pela imaginação popular, em que o sobrenatural é coerente com o universo reproduzido. Estas lendas permitem-nos também perceber as ideias e pensamentos da sociedade que as cria.

Por sua vez, os contos “O que sabem os pássaros” e “As mãos de Lam Seng” apresentam-nos pessoas comuns na sua luta pela sobrevivência e transmissão de saberes. A percepção não evidente de onde começam as lendas e terminam os contos que anuncia o título da obra, percebe-se também pelo que partilham em comum: as narrativas assentam em crenças, explicação de fenómenos e tradições e em mitos primitivos. Porém, também nestas narrativas se reconhecem traços comuns de outras narrativas universais: os infortúnios de Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, D. Pedro e D. Inês de Castro. Os temas são igualmente universais: desde o egoísmo de Lou Hong e do imperador de Jade, que não



Árvores dos Amantes, Templo de Kun Iam

queriam partilhar o amor da filha nem prescindir da sua força de trabalho, até ao peso do patriarcado, à relação de comunhão do homem com a natureza, à defesa de valores morais e do património imaterial. Os elementos da natureza são constantemente evocados, evidenciando o seu papel. Por outro lado, são expostos os elementos da cultura chinesa: os deuses, os locais, os costumes, os festivais, as crenças, o maravilhoso e algumas figuras marcantes da história ou mitologia. Sintetizando, ainda que recontada a partir de uma perspetiva ocidental, esta coletânea abre outra cultura à reflexão, permitindo estabelecer laços entre culturas.

Apesar de *Contos e lendas de Macau* estar considerado como literatura para a infância – o Plano Nacional de Leitura recomendou-o para os 9-11 anos, até 2017 –, a verdade é que se trata de um livro para todas as idades. Pode considerar-se *crossover fiction* (Falconer, 2007) e é uma obra indicada para quem pretenda compreender um pouco mais da cultura de Macau (e chinesa). ■

Referências bibliográficas

- Barros, Manuel (1999). *Macau – Coisas da terra e do céu*. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Juventude.
- Barros, Manuel (2003). *Templos, lendas e rituais* – Macau. Macau: Associação Promotora da Instrução de Macaenses – APIM.
- Falconer, Rachel (2007). “Crossover literature and abjection: Geraldine McCaughrean’s *The white darkness*”. *Children’s literature in education* 38 (1): 35-44.
- Gomes, Luís Gonzaga Gomes (1996). *Curiosidades de Macau antiga*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Gomes, José António (1998). *Introdução à obra de Alice Vieira*. Lisboa: Caminho.
- Gomes, Luís Gonzaga Gomes (1994). *Chineses*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Gomes, Luís Gonzaga Gomes (1994). *Macau: factos e lendas*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Graton-Lapière-Benétou (2018). *Michel Vaillant 7 – Macau*. Alfragide: Edições Asa.
- Han, Lili (2018). *Luís Gonzaga Gomes, filho da terra: divulgador e tradutor de imagens da China e de Macau*. Macau: Instituto Politécnico de Macau.
- Oliveira, Celina Veiga de & Alves, Ana Cristina (1998). *As oito cartas de Macau*. Macau: Livros do Oriente / Fundação Macau.
- Saramago, José (2015). *Memorial do convento*. Alfragide: Caminho.
- Vieira, Alice (2002). *Contos e lendas de Macau*. Alfragide: Editorial Caminho.
- Vieira, Alice (1990). *Macau: da lenda à história*. Macau: Direcção dos Serviços de Educação de Macau/ Livros do Oriente.
- Xinyue, Zhao (2015). *Imagens do oriente em contos e lendas de Macau*. Aveiro: Universidade de Aveiro (dissertação de mestrado)